

A engenharia em crise (Jornal do Brasil, 21/10/91)

MIGUEL BAHURY

A engenharia brasileira vive a pior fase de sua história. A redução drástica dos investimentos públicos, decorrente da política recessiva imposta pelo governo federal, ameaça o acervo técnico-científico através do desemprego e do desmantelamento das empresas de engenharia de todo o país. A demolição do patrimônio erguido por várias gerações coloca em risco qualquer projeto futuro para a nação.

Somente no setor de consultoria houve uma amarga redução na oferta de emprego de 44 mil para 22 mil nos dois últimos anos.

A crise é tão grave que reflete na baixa destinação de verbas à pesquisa e à tecnologia no país, que gasta, por ano, apenas US\$ 15 por habitante em pesquisa e desenvolvimento, contra US\$ 619 do Japão, US\$ 576 da Alemanha, US\$ 567 dos EUA, US\$ 390 da França e US\$ 296 da Grã-Bretanha.

A retomada do desenvolvimento, com o investimento público sendo o indutor do investimento privado e canalizando-se os recursos disponíveis para o processo produtivo e não para a especulação financeira estéril, é condição essencial para o país emergir da crise.

As dificuldades do ensino atual também acabarão comprometendo a geração futura, pois apenas 16% dos nossos adolescentes estão na escola, enquanto, no Japão, tal índice atinge 95%. Acreditamos que a melhoria e a ampliação do ensino público gratuito e laico, com as escolas atuando em tempo integral, poderiam minimizar essa situação.

O governo, em vez de reverter esse quadro dramático e assegurar a recuperação do processo produtivo, geração de rendas e ampliação de empregos, acena com o Emendão, antes de se regulamentar o atual texto constitucional, subordinando a soberania do país e os interesses nacionais ao capital estrangeiro.

Não será com a extinção do monopólio estatal do petróleo e dos demais garantidos pela Constituição que o país encontrará a solução dos seus problemas. Entre 1977 e 1989 foram assinados 243 contratos de risco com as 35 maiores empresas de petróleo do mundo, que tiveram a sua disposição 80% das bacias sedimentares brasileiras e nada produziram.

Em período muito menor, a Petrobrás elevou a produção de petróleo e gás natural equivalente, de 160 mil barris/dia para 790 mil barris/dia, investindo US\$ 26 milhões contra US\$ 1,8 bilhão dos contratos do risco.

Ressalte-se, ainda, que das 50 maiores empresas de petróleo do mundo, que detêm 85% da produção mundial, 30 são estatais com 93% das reservas.

Em vez do Emendão, o governo conseguiria parcela substancial dos recursos necessários para o desenvolvimento, evitando o subfaturamento das exportações, o superfaturamento das importações, a injusta transferência de renda (US\$ 87 bilhões de juros da dívida pagos na última década), combatendo a sonegação, promovendo a

recuperação dos salários, reduzindo a brutal e desumana distribuição de renda e apurando as denúncias veiculadas na imprensa com vistas ao fim da impunidade que hoje comove o país.

Miguel Bahury é diretor do Clube de Engenharia, ex-secretário municipal de Transportes e ex-presidente do Metrô.
Jornal do Brasil, 21/10/91